O MAL A NOS QUESTIONAR

A vida nos confronta com um paradoxo: o ser humano frágil no bem, é vencido pelo mal. Essa inextinguível categoria do dualismo ameaça a fé em um Deus “providente”. Será que, diante desta terrível contradição, Deus permita que os maus vençam e os bons sejam perdedores? Pior: os bons terão de arrastar-se na ilusão, enquanto as forças do mal vão de triunfo em triunfo? Nisso não podemos crer.

Dali seria só um passo para nos perdermos na oposição entre o bem – prêmio e o mal – castigo? Não parece que, de fato, a clemência bondosa perde muitas vezes a luta contra crueldade malvada? Afinal, o que pesa mais, em nosso dia-a-dia: a vitória do bem ou a presença atuante do mal? Aliás, a diferença entre bem e male algo perverso, pois agentes do mal desprezam, impunes, as leis.

Nesse caso, os praticantes do bem seriam um obstáculo, enquanto omissos e desonestos seriam os bons. A solução seria destruir o bem e consagrar a prática da desonestidade? É verdade que “o Deus único é a origem do visível e do invisível, do criado e do incriado, do bem e do mal”? (Isaías 45,5-7) Só o ser humano decide praticar o mal, vendo nisso algo positivo. Esse mal porém, é a ausência do bem.

Os nazistas faziam dos judeus uma praga; assim, na luta contra o “mal”, tornaram-se extremamente irados e maldosos. Já se afirmou que a banalidade do mal não se refere ao mal em si, mas ao criminoso. Visava-se centrar o debate no caráter humano dos criminosos e, assim, avaliar melhor sua responsabilidade – além de réus, seriam também vítimas.

O criminoso é também vítima do crime cometido. É como se, de um lado, se tivesse um dever frente ao bem, e por outro lado, se fizesse algo oposto, reconhecidamente errado. A pessoa se repartiria em dois, um outro “eu” tornado moralmente ausente. Isso permite compreender o mal como algo somente objetivo. Embora o exercício da profissão sirva à maldade, a bondade “pessoal” pode persistir... Será?

---\*\*\*--- Frei Cláudio Van Balen ---\*\*\*---